



7º CBEm

Congresso Brasileiro de Etnomatemática

As dimensões da Etnomatemática na valorização das identidades socioculturais

Macapá - AP • 17 a 20 de setembro de 2024

MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: a etnomatemática como intercessora nos Cadernos de Educação do MST

Eixo 1 – Educação Escolar dos Povos Originários, Ancestrais e Tradicionais

Lucas Rodrigues da Silva¹
Filipe Santos Fernandes²

RESUMO

Neste artigo, apresentamos e discutimos possibilidades de uma Educação Matemática alinhada à luta por justiça social, à luta pela terra, à diversidade, no encontro com os movimentos sociais, particularmente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento Social brasileiro fundado nos anos 80, em contraposição a ditadura militar e a violência no Campo devido à má distribuição de terra, contra a propriedade privada e na luta por um modo de vida outro. A partir da leitura do Cadernos de Educação disponibilizados no site do MST, buscamos referências à matemática e seu ensino presentes nesses cadernos e evidenciamos como o compromisso do Movimento com um ensino de Matemática orgânico, respeitoso e coletivo é materializado por meio de propostas educacionais articuladas à Etnomatemática.

Palavras-chave: Educação do Campo. Ensino de Matemática. Etnomatemática. MST.

INTRODUÇÃO

Gelsa Knijnik, no texto *O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática?*, diz: “os movimentos sociais têm sido exemplares nos seus modos de se opor às políticas públicas hegemônicas, produzindo fissuras no tecido curricular de

¹ Graduando em Matemática. Universidade Federal de Minas Gerais. lucasrodriguessilva221@gmail.com

² Doutor em Educação Matemática. Universidade Federal de Minas Gerais. fernandes.fjf@gmail.com

suas escolas em um processo com o qual nós, educadoras e educadores, temos muito a aprender” (2004, p. 8). Mesmo com os vários esforços empreendidos nos últimos anos, podemos dizer que a Educação Matemática ainda pouco dialoga, em termos de referências epistêmicas e políticas, com movimentos sociais e ações coletivas para a compreensão de seus objetos e vertentes, sejam eles o ensino de matemática, a formação de professores e de professoras ou a própria etnomatemática.

É sobre esse processo de aprendizagem que relaciona a Educação Matemática e os Movimentos Sociais que construímos este texto. Nele, buscamos tratar do que aprendemos sobre a Educação Matemática no encontro com os princípios e propostas educacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), especialmente aquelas expressas nos *Cadernos de Educação* elaborados pelo movimento.

No ano de 2024, momento em que se comemoram os 40 anos do MST, torna-se ainda mais relevante celebrar a trajetória de um movimento que, na luta pela democratização do acesso à terra, contribuiu e tem contribuído de forma significativa com a construção de uma educação diferenciada, alternativa e específica para os povos do campo de nosso país. Por isso, este trabalho se justifica, também, ao celebrar a importância de lutas sociais que, de modo reativo e propositivo, reelaboram ideários e discursos educacionais e contribuem para a construção de uma educação mais atenta à justiça social.

Este trabalho se insere nas ações do projeto *A opção decolonial em Educação Matemática: desobediências e insurgências junto ao ensino de Matemática na Educação Básica*, em desenvolvimento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A intenção do projeto é sustentar a matemática em um movimento de desobediência político-epistêmica, alinhando-a a lutas que desafiam a matriz colonial de poder. Assim, interessa-nos problematizar, em uma posição decolonial, a matemática em suas perspectivas ontológica, epistemológica, curricular e metodológica, tensionando ideários e discursos que produzem e promovem traços e efeitos da colonialidade no espaço escolar.

O texto se estrutura em três partes. Na primeira, apresentamos um breve histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e dos *Cadernos de Educação*, uma publicação que traz objetivos e princípios das práticas educativas escolares do Movimento, sendo voltada para os e as profissionais da educação a ele

integrados/as. Na segunda, elencamos as referências à matemática e seu ensino presentes nos Cadernos de Educação do MST e apresentamos reflexões sobre como essas referências fazem pensar o ensino de matemática na educação escolar. Na última, a título de conclusão, evidenciamos como o compromisso do Movimento com um ensino de Matemática orgânico, respeitoso e coletivo é materializado por meio de propostas educacionais articuladas à Etnomatemática.

Esperamos com este texto afirmar o que diz Roseli Caldart (2012), no livro *Pedagogia do Movimento Sem-terra*: “precisamos, aprendendo com o movimento social, romper essas cercas que nos impedem de fazer uma reflexão mais total sobre a educação, a única e capaz de realmente pensá-la como formação humana” (CALDART, 2012, p. 326). Acreditamos que movimentos sociais, como o MST, cumprem relevante papel na luta contra as diversas dimensões da colonialidade, na superação de antagonismos, assimetrias e desigualdades que marcam os processos educacionais de nosso país. Por isso, cabe a nós, educadores e educadores em matemática, a aproximação com os projetos político-educacionais desses movimentos, compreendendo suas lutas e seus horizontes de futuro para a reelaboração de nossos compromissos e ações.

BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) E DOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO

Segundo Fernandes (2000), o modelo econômico adotado no Brasil durante a ditadura militar era baseado no desenvolvimento agropecuário a partir da propriedade privada, o que gerou ainda mais concentração de terras e provocou a marginalização das organizações camponesas e o êxodo rural. Nesse contexto, os grupos camponeses afetados pelo desenvolvimento conservador promovem encontros a fim de articular e organizar as lutas dos sem-terra de diversos locais do país.

Nesse sentido, a luta pela terra e contra a repressão militar no campo une diversas famílias no acampamento Encruzilhada Natalino, que consequentemente obteve grande repercussão midiática e apoio de diversas entidades, sindicatos e comunidades (MST, 2024). Com isso, em 1984 trabalhadores rurais que lutavam pela democratização da terra protagonizam o 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Nesse encontro decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST (MST, 2024).

Para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a Educação se torna imprescindível como ferramenta ideológica alinhada às lutas do movimento, a fim de ter acesso à terra, à escola, ao conhecimento, à educação (CALDART, 1997, p. 25), além de organizar a classe trabalhadora. Posto isso, de acordo com o MST, o Setor de Educação foi criado em 1987, três anos após a criação do Movimento, com o objetivo de escolarizar os sem-terra, crianças integrantes do Movimento Sem-Terra. Assim, o MST tem apresentado, desde o seu início, uma preocupação com a elaboração de documentos específicos na/para a Educação, que é apontada como um dos setores base do movimento (PEREIRA, 2019).

Dois documentos produzidos pelo MST são particularmente relevantes: os *Boletins de Educação*, que são “publicações do Setor de Educação que buscam divulgar de modo mais ágil e periódico questões significativas/reflexões sobre a área de educação no MST” (PEREIRA, 2019, p. 42); e os Cadernos de Educação criados, segundo o movimento:

[...] para socialização das nossas concepções e reflexões pedagógicas, e também como apoio ao trabalho não apenas dos educadores e das educadoras de escola, mas do conjunto da militância dedicada à tarefa de educação Movimento. O foco deste Caderno é o currículo escolar, e a preocupação principal é com uma orientação metodológica para implementação de nossa proposta de escola, especialmente nos assentamentos. (MST, 2005, p. 8)

Em 1992, o Movimento consolida sua proposta de escola com o Primeiro Boletim de Educação intitulado *Como deve ser a escola de um assentamento*, em 1992, e, no mesmo ano, publica o Caderno de Educação nº. 1 - *Como fazer a escola que queremos*. Com o passar do tempo, o Movimento lançou mais de vinte documentos entre Cadernos e Boletins, com diversas temáticas pensadas para a educação de seus militantes, independente da faixa etária.

Particularmente, o Caderno de Educação nº. 8 - *Princípios da Educação no MST* reúne, em duas partes, princípios filosóficos e pedagógicos que escancaram a confluência entre a luta por justiça social e uma Educação outra, pensada em coletividade, a partir da prática e de demandas do próprio MST, no sentido do fazer-saber. Como podemos observar mais à frente, esses princípios do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nos apresenta a possibilidade de uma Educação Matemática alinhada às lutas pela terra, pensadas a partir do povo e para o povo.

Figura 1. Capa do Caderno de Educação nº. 1 - *Como fazer a escola que queremos*



Fonte: <https://mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-01-como-fazer-a-escola-que-queremos/>

Para Pereira (2019), tanto os Boletins quanto os Cadernos produzidos pelo MST podem ser considerados “documentos históricos que materializam a postura e posição do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em relação ao campo/processo educacional e são orientadores de suas práticas educativas nos assentamentos” (p. 39). Nesse sentido, entendemos que os Cadernos de Educação, foco de nossa análise, expressavam não apenas as práticas educativas a serem desenvolvidas em escolas do movimento, mas ideários e discursos de uma educação singular que se contrapõem a matrizes educacionais estabelecidas e excludentes e que nascem da luta concreta de povos camponeses.

A seguir, apresentamos um quadro com informações sobre os Cadernos de Educação do MST e uma síntese de seu conteúdo, a fim de situar as pessoas leitoras em relação ao material trabalhado.

Quadro 1. Informações sobre os Cadernos de Educação do MST

Número do Caderno	Título	Ano	Síntese do conteúdo
1	<i>Como fazer a escola que queremos</i>	1992	Nesse Caderno, o MST apresentou uma proposta de currículo centrado na prática para sua escola, tendo em vista a trajetória do movimento até 1992. O caderno é a consolidação de ideias debatidas durante os anos iniciais da fundação do MST sobre a escola desejada e possível para o Movimento, produzida em coletividade e junto à luta.
2	<i>Alfabetização</i>	1993	Como o título sugere, nesse Caderno o MST apresenta proposta, de maneira muito clara e específica, para a alfabetização de crianças da 1ª a 4ª série (atuais 1º a 5º ano), tendo em vista as particularidades das classes multisseriadas presentes nas escolas dos assentamentos. É importante destacar que não há uma desqualificação da multisseriação e, sim, um tratamento afirmativo que a coloca como um modelo pedagógico interessante e relevante no contexto das escolas do Movimento.
3	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos - Como organizar</i>	1994	Esse caderno simboliza os 10 anos de caminhada do MST e ressalta a dimensão de coletividade do movimento. Além disso, apresenta uma proposta de alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas, construída a partir das necessidades e demandas do assentamento e, principalmente, dos educandos.
4	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos - Didática da Linguagem</i>	1994	Aqui, temos a continuidade da temática do Caderno n°. 3, tendo como objetivo pensar a didática do educador, maneiras de se ensinar a ler e escrever, além da condução do ensino em sala de aula. Nesse sentido, o MST sugere métodos para que o processo de aprendizado se torne prazeroso.
5	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos- Educação Matemática</i>	1995	Nesse caderno específico em Educação Matemática, o MST apresenta propostas de ensino da disciplina que respeitam a trajetória e cultura do Movimento e de cada educando. Nesse sentido, o Movimento entende a Matemática como ferramenta importante na luta pela justiça social.

6	<i>Como fazer a escola que queremos: O planejamento</i>	1995	O Caderno nº. 6 é um aprofundamento do Caderno nº. 1. Numa construção coletiva, nesse documento o MST, reúne sugestões dos integrantes do Movimento após três anos do primeiro caderno. Desse modo, o texto possui reajustes em vários aspectos do planejamento da escola, de avaliações a planos de aula.
7	<i>Jogos e brincadeiras infantis</i>	1996	Neste Caderno, com conteúdo leve e de extrema importância, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra entende e revela o enorme valor da ludicidade e da felicidade no processo de aprendizagem e construção da Escola voltada para as crianças. O Caderno contém dicas de vários jogos e brincadeiras que trabalham as várias dimensões da pessoa humana durante a aprendizagem, como teatro, dança etc.
8	<i>Princípios da Educação no MST</i>	1996	O MST decidiu reescrever o <i>Boletim de Educação nº. 1 - Como deve ser a Escola de um Assentamento</i> e apresenta esse Caderno que, após diversas análises a partir da prática, revela cinco princípios filosóficos e treze princípios pedagógicos que todas as escolas de assentamentos, ou qualquer escola alinhada à luta pela reforma agrária popular e pela justiça social, seguem ou deveriam seguir.
9	<i>Como fazer a escola de Educação Fundamental</i>	1999	Nesse Caderno o MST se preocupa com os educandos do Ensino Fundamental, a fim de formar uma geração consciente politicamente. Nesse sentido, o Movimento reúne propostas de práticas que podem ser moldadas conforme o contexto e o estágio de formação dos educandos, com o objetivo de “romper com esquemas rígidos que impedem uma educação mais inteira e mais viva” (MST, 1999, p. 3).
10	<i>Ocupando a Bíblia</i>	2000	Em contraposição à teologia da prosperidade que afirma o Capitalismo, o MST, que nasce em comunhão com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que integra a luta pela questão agrária e possui como base a teologia da libertação, e que enfatiza a libertação dos oprimidos, apresenta novas perspectivas para a Educação religiosa, alinhando-a à luta pela terra.
11	<i>Educação de Jovens e Adultos: Sempre é tempo de aprender</i>	2003	Resultado de 15 anos de trabalho do MST, especificamente com a Educação de Jovens e Adultos, o Movimento apresenta nesse Caderno caminhos para a alfabetização em massa dos militantes do Movimento, afirmando a importância da democratização do direito à educação.

12	<i>Educação infantil- Movimento da vida, dança do aprender</i>	2004	Nesse Caderno, o MST aprofunda o debate sobre a educação de crianças entre 0 e 6 anos, já que, para o Movimento, o debate sobre a educação infantil é fundamental para a organização da classe trabalhadora. Sendo assim, é um caderno importante para educadores, mães, pais e responsáveis.
13	<i>Dossiê MST Escola- Documentos e Estudos (1990-2001)</i>	2005	Nessa edição especial, o MST traz uma coletânea de documentos e análises de sua trajetória em relação à Educação Básica. Pautado na prática de seus 21 anos de história, o Movimento revela reflexões sobre as escolas dos assentamentos de maneira organizada, sob a perspectiva de uma luta concreta, mas em movimento e aberta a mudanças através da Escola ou para Escola.
14	<i>Educação no MST- Memória Documentos 1987-2015</i>	2017	O Caderno nº14 é outra edição especial dos Cadernos do MST. Este caderno “reflete o movimento das discussões e das definições políticas de atuação do Setor de Educação” (MST, 2017, p.7). Nesse sentido, a junção da história do Movimento em um só documento contribui para a formação das novas gerações de militantes, além de futuros educadores e educandos do MST.

Fonte: Elaborado pelos autores.

APONTAMENTOS SOBRE A MATEMÁTICA E SEU ENSINO NOS CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO MST

A partir da breve exposição sobre as temáticas abordadas em cada um dos Cadernos de Educação do MST, tratamos de discutir, nesta seção, como a Matemática e o seu ensino figuram entre as páginas desses Cadernos, destacando as aprendizagens sobre a Educação Matemática que, deles, emergem. Focaremos apenas os Cadernos que fazem menção explícita ao ensino de Matemática e, por isso, há a ausência de alguns dos Cadernos listados no Quadro 1.

No Caderno nº. 1, intitulado *Como fazer a escola que queremos*, fica claro a preocupação do Movimento com um ensino de Matemática centrado na prática dos estudantes, dos pais e da comunidade onde vivem, o que nos revela a importância da coletividade para a escola do MST. Nesse sentido, para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, “O que adianta o educando saber cálculos no papel, mas não saber medir o comprimento de uma horta, na prática?” (MST, 1992, p. 2).

Já no Caderno nº. 2, *Alfabetização*, o MST se preocupa em aprimorar métodos de ensino da Matemática, introduzindo o “como fazer”. O Movimento adota, assim,

práticas de ensino que deixem o educando em situação confortável, para que a aprendizagem de Matemática não se torne maçante, cansativa ou totalizante. Desse modo, o Movimento propõe ensinar a disciplina alinhando-a ao lazer, tal qual medir um espaço em que acontecerá uma confraternização utilizando diversas unidades de medida, tradicionais ou não, como polegadas, metro, passo, pé, palmo; medir distância entre suas casas; fazer um estudo da área de lazer e depois representá-la em maquetes e plantas; construir mapas etc.

O Movimento propõe, ainda no Caderno nº. 2, o *Método do Dinheiro Chinês*, criado por professores de Matemática da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), para ensinar contas de dividir, multiplicação, adição e subtração. Vale afirmar que o MST relaciona o “dinheiro” com cores, sendo fichas amarelas as unidades, fichas azuis as dezenas e fichas vermelhas as centenas, já que desse modo, os educandos não relacionam dinheiro com poder, como é afirmado pelo sistema capitalista.

No terceiro Caderno, *Alfabetização de Jovens e Adultos - Como organizar*, o MST foca na organização da educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Sem metodologia específica para o ensino de Matemática, podemos notar grande dimensão de coletividade, inclusão dos estudantes no processo educativo, além da interdisciplinaridade, o que sugere um ensino de Matemática em comunhão com as outras disciplinas, a fim de desenvolver, dentre vários aspectos, o pensamento crítico dos educandos, e não apenas focada em números e operações.

A temática da educação de pessoas jovens, adultas e idosas segue no Caderno nº. 4, *Educação de Jovens e Adultos: Didática da linguagem*, no qual percebemos a interdisciplinaridade e a prática, muito citadas nas análises dos três outros cadernos, no cotidiano da escola. Nesse sentido, propõe-se a elaboração de uma aula baseada no cotidiano do adulto, de maneira que ele se depare com problemas reais de sua vida, com exemplos financeiros e econômicos – como preço das contas de casa, o aumento do valor de mercadorias, inflação etc. –, tornando o ensino de matemática útil e menos repetitivo.

O Caderno nº. 5 - *Alfabetização de Jovens e Adultos: Educação Matemática* é o único que tematiza, diretamente, a Educação Matemática. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra enfatiza uma característica fundamental para o trabalho pedagógico em Matemática: valorizar o educando como indivíduo que possui vivências, histórias, cultura, além de uma bagagem matemática e modos outros de

entender e interpretar durante a aprendizagem.

Para partir da realidade próxima do aluno, o educador pode, segundo o MST, perguntar coisas simples sobre o cotidiano do aluno como a quantidade de itens da casa do aluno, quantidade de integrantes da família etc. Nesse sentido, usualmente, nas escolas, os educadores entendem que essas maneiras práticas de se fazer contas não existem, e os professores querem, inicialmente, introduzir subtração, divisão, soma e multiplicação para que o aluno aprenda modos otimizados de fazer contas. Para o MST, porém: “Mas não é só a rapidez que conta nessas horas [...]. É preciso que se parta destas experiências com os alunos para que eles próprios, juntos com os colegas e o professor, cheguem a outras formas de buscar as soluções para questões que estão buscando” (MST, 1995, p. 8).

Além disso, quando os alunos utilizam determinada forma só porque o educador impôs ou pediu, acreditando ser o único jeito certo, os educandos aprendem pouco de matemática e muito sobre submissão (MST, 1995, p. 26).

Em um fragmento, o MST explica:

Mas, enfim, qual a diferença entre este modo de propor os problemas e o outro? Dos dois modos não se tem de fazer contas e em ambos não se chega à mesma resposta? De fato, nos dois modos fazemos as mesmas contas e encontramos os mesmos resultados. Há, no entanto, uma *grande* diferença (que, numa primeira olhada, até pode parecer pequena!) Diferença: no primeiro, estamos dando chance para o aluno pensar não nas contas e no resultado. Estamos também apresentando problemas do ‘jeito’ em que eles aparecem em nossas vidas, onde, em geral, o que se tem são perguntas e é preciso decidir quais informações precisamos buscar para poder resolver cada problema. Muitas vezes, o mais difícil é bem isto [...] temos de pensar que buscar informações certas é tão importante quanto resolver as contas certas. Assim, os alunos precisam ter a chance de aprender a fazer isto e cabe a nós ajudá-los nesta aprendizagem. (MST, 1995, p.32)

Além disso, no Caderno n°. 5, o Movimento descreve uma maneira de se ensinar a multiplicação, a famosa “tabuada”, visando evitar a memorização e ampliar a compreensão matemática dos educandos, explorando a ideia de multiplicação como soma de parcelas iguais. Assim, para o Movimento,

Não é necessário que os alunos saibam de cor a tabuada logo que começam a estudá-la. O importante é que o professor dá chances ao aluno fazer e refazer muitas vezes o ‘caminho’ de cada uma destas continhas. Compreender o que as continhas significam. (MST, 1995, p. 34)

Essa compreensão nos direciona para o Caderno de Educação n°. 7, *Brincadeiras e jogos infantis*, que, em contraponto à visão racionalista sobre o ensino

de Matemática, mostra como o processo de ensino pode trabalhar as várias dimensões do educando, além de aflorar o senso coletivo, já que as brincadeiras e jogos são em grupo, além de serem lúdicos e divertidos. Na seção intitulada *Jogos Didáticos*, há uma descrição de um *jogo da memória* adaptado para o ensino de Matemática, em que os alunos precisam compreender as operações para que consigam associar os números para saberem se marcaram ponto ou não. Ou seja, esse caderno expressa uma preocupação do MST com o desenvolvimento de conceitos, linguagens e procedimentos matemáticos desde o início da escolarização, já que o Caderno é voltado para a educação das crianças do Movimento.

Desse modo, além de uma pedagogia “pé no chão”, ou melhor, “pé na terra” com a qual o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra lida com o ensino de Matemática, o MST entende a importância da trajetória e dos estudos de diversos teóricos, o que leva à Etnomatemática.

Dessa forma, direcionamos nossos olhares para o Caderno nº. 11 - *Educação de Jovens e Adultos: Sempre é tempo de aprender*, que serve como um importante documento para o entendimento da Etnomatemática como princípio e prática de ensino de Matemática do MST. O Caderno apresenta o texto *A Etnomatemática na luta pela terra: Matemáticas*, escrito por Gelsa Knijnik, e defende a Etnomatemática se faz presente e importante no MST por entender “a Educação Matemática com um campo de saber marcado por relações de poder, opondo-se à uma visão de que a Matemática é neutra e asséptica” (KNIJNIK, 2003, p. 72). Ainda nas palavras da autora:

É um desafio para todos nós que atuamos nos assentamentos e acampamentos deste país tão heterogêneo, construímos experiências pedagógicas na área da matemática que fujam dos modelos tradicionais, que esfumace as separações rígidas entre o conhecimento acadêmico usualmente transmitido na escola e o conhecimento cotidiano, de modo que as crianças, os jovens e os adultos dos acampamentos e assentamentos tenham modo de viver e significar o mundo efetivamente representados no currículo escolar e nos projetos de Educação. Nosso intuito é produzir uma Educação Matemática que faça diferença na vida das pessoas, que se integre visceralmente em seu mundo. (KNIJNIK, 2003, p. 82)

Ademais, no texto, Gelsa Knijnik discorre sobre os cinco temas: *Etnomatemática e os sistemas de numeração*, *Etnomatemática e o sistema monetário*, *Etnomatemática e a Resolução de Problemas*, *Etnomatemática e as atividades produtivas* e, por último, *Etnomatemática e a luta pela Terra*. Dessa forma, a leitura

desses textos, em conjunto com os demais Cadernos, especificamente em relação à Matemática, mostra a opção do MST por uma Etnomatemática que possibilite uma Educação Matemática própria, adaptada à identidade do Movimento e em constante construção coletiva, utilizada como ferramenta político-ideológica e alinhada à luta pela terra e por justiça social.

A proposta educacional do MST e a Etnomatemática como intercessora: a título de conclusão

Como se pode notar, os Cadernos de Educação do MST revelam um compromisso do Movimento com um ensino de Matemática orgânico, respeitoso e coletivo. Além disso, incentivam a autonomia e o pensamento crítico dos estudantes enquanto estudam Matemática, na direção a uma educação libertadora (FREIRE, 2014). Esse compromisso é materializado por meio de propostas educacionais articuladas à Etnomatemática, inclusive reconhecimento e mobilizando textos específicos de pesquisadores do campo, como o artigo *A Etnomatemática na luta pela terra: Matemáticas*, de Gelsa Knijnik.

Em uma dimensão, a Etnomatemática se faz presente nos Cadernos de Educação na medida em que se defende, na escola, o protagonismo dos sujeitos e de seus contextos de produção e de reprodução da vida. Há um expresse reconhecimento e promoção dos saberes e fazeres dos povos acampados e assentados nos processos de ensino de Matemática, expressos em termos de “cotidiano” e “contexto”, o que auxilia na valorização de aspectos socioculturais dos camponeses na educação escolar. Ao que nos parece, a expectativa do Movimento é de que esse protagonismo possibilite um conhecimento matemático mais acessível e relevante, desconstruindo preconceitos e estereótipos que restringem a capacidade de se aprender matemática a certos grupos sociais, usualmente ligados aos contextos urbanos.

Outra dimensão a ser considerada são as contribuições da Etnomatemática para a construção de um projeto de escola alinhado a outros projetos de sociedade. Ao possibilitar a eleição de certos conhecimentos matemáticos para o trabalho na escola, descentralizando e questionando a hegemonia daqueles ligados às culturas escolares urbanas, a Etnomatemática favorece a construção, pela educação escolar, de projetos de futuro sustentáveis e emancipatórios, pautados na inclusão, na diversidade e na justiça social e ambiental. Nessa direção, podemos dizer que uma

proposta de ensino de Matemática pautada na Etnomatemática se alinha à proposta política do Movimento, em particular a efetivação do direito à terra por meio da Reforma Agrária Popular.

Uma terceira e última dimensão que consideramos relevante se relaciona às políticas de identidade. Para além de mobilizar modos de saber e de fazer de pessoas acampadas e assentadas, na valorização de suas histórias, culturas e lutas, a Etnomatemática tem como potencialidade a promoção das identidades camponesas, em sujeitos e coletivos marginalizados e subalternizados pelos discursos hegemônicos que colocam o urbano e o industrial em posições sociais hierarquicamente superiores. Entendemos que a Etnomatemática contribui, ao fomentar outras políticas de conhecimento e, por isso, outras políticas de identidade, com a superação do racismo rural que coloca os povos do campo na condição de atraso ou incapacidade, excluindo seus ideários e discursos da construção dos projetos de sociedade.

Evidentemente, há muitos desafios na articulação da Etnomatemática ao ensino de matemática, como a resistência institucional, a necessidade de formação adequada ou equidade nos espaços de representação política, inclusive na escola. Contudo, os Movimentos Sociais, em particular o MST, têm nos mostrado que caminhos são possíveis quando se há uma compreensão qualificada de como a escola pode favorecer determinados projetos de sociedade, respeitando-se lutas, histórias e perspectivas de pessoas e coletivos sociais diversos, e não apenas de uma elite. A Etnomatemática é uma forte intercessora nesse processo e, por isso, acreditamos que mais estudos que se coloquem a aprender Educação Matemática com os Movimentos Sociais são, mais do que necessários, urgentes.

REFERÊNCIAS

CALDART, R.S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4. Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2012.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

KNIJNIK, G. O que os movimentos sociais têm a dizer à Educação Matemática? In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 8, 2004, Recife. **Anais [...]** Recife: SBEM, 2004. p. 1-9.

KNIJNIK, G. A Etnomatemática na luta pela terra: Matemáticas. In: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Caderno de Educação nº. 11** - Educação de Jovens e Adultos – Sempre é tempo de aprender. 2003. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-11-educacao-de-jovens-e-adultos-sempre-e-tempo-de-aprender/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **O MST: nossa história**. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/inicio/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Caderno de Educação nº. 5** - Alfabetização de Jovens e Adultos - Educação Matemática. 1995. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-05-alfabetizacao-de-jovens-e-adultos-educacao-matematica/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Caderno de Educação nº. 1** - Como fazer a escola que queremos. 1992. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-01-como-fazer-a-escola-que-queremos/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

PEREIRA, G. H. **Cadernos de Educação do MST**: algumas reflexões. 2019. 58 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.